

Passages de Paris, nº 20 (2020.2)

ENTREVISTA:
ROMANCE HISTÓRICO & ROMANCE NA HISTÓRIA
Ana Miranda

Realizada por Mary DEL PRIORE

Ana Miranda atriz, romancista, poetisa, ilustradora, foi por diversas vezes convidada como escritora visitante à universidades como Stanford, Yale e Berkeley nos Estados Unidos. Realiza palestras em instituições de ensino e culturais. Foi colaboradora da revista Caros amigos, colunista do Correio Braziliense, e escreve no jornal O Povo, de Fortaleza - CE. Doutora Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, é autora de mais de trinta e duas obras publicadas de poesia, contos infantis e ficção, recebeu dezenas de prêmios literários nacionais entre os quais se destacam três Jabutis e por duas vezes o Prêmio da Academia de Letras para melhor ficção.

Mary Del Priore- O que a levou à História?

Ana Miranda-Foi um sonho que eu tive. Eu estava no sótão de um casarão colonial, vestida com roupas do século 17, via a festa de meu casamento sendo preparada no jardim, quando alguém me dizia que tinham roubado o meu vestido de noiva, desesperada eu montava um cavalo e ia pela trilha do ouro. Anotei o sonho e passei a escrever essa história como um romance. De onde veio esse sonho? Da paisagem? De misteriosas emanções do passado? Eu morava numa cidade colonial, Paraty, onde o passado estava vivo em cada pedra da rua, em cada janela ou muro. Mesmo a natureza evocava um tempo pretérito, a verdejante Mata Atlântica com seus caminhos íngremes e solitários. Tenho fascínio pela História, por visitar os períodos, por pessoas, costumes e paisagens do oblívio, mas a matéria fundamental de meus escritos não é a História, embora eu saiba que ela arrasta todas as coisas em seu manto. É a linguagem. São palavras e expressões esquecidas que recolho quase como um arqueólogo. Meu primeiro romance foi uma recriação ficcional com elementos da História, mas a poesia barroca era o arcabouço, a alma. Com o passar do tempo, a poesia e a voz feminina vinda de algum passado se apropriaram de quase tudo o que escrevo: a voz de uma órfã portuguesa no século 16; a de uma dançarina libanesa no século 19; a voz de uma sertaneja no romantismo do século 19; ou a de uma indígena e da natureza no começo do século 20. Um trabalho de historiar a linguagem, criando interlínguas. A minha visão da Literatura é da Literatura como arte, assim as palavras são tintas, sons, movimentos, luzes, evocações, naturezas mortas que ressuscitam.

MDP-Lia romance histórico: Dumas, Walter Scott ou Balzac? Algum autor preferido ao qual retorna? E brasileiros autores de romances históricos?

AM- Minha mãe comprava livros de um vendedor que vinha de porta em porta, não havia livrarias onde eu morava, Brasília durante a construção. Mas éramos uma família que gostava de ler e esperávamos o vendedor na varanda. Ele abria uma mala e nos mostrava clássicos maravilhosos, que minha mãe comprava. E havia boas bibliotecas nas escolas onde estudei. Foi como pude ler *Ivanhoé*, de Walter Scott, quando era menina, talvez fosse uma edição adaptada para crianças, pois era ilustrada. Li, também, *Os noivos*, de Manzoni. Eu lia romances como *Minas de prata*, de Alencar, *Terras do sem-fim* de Jorge Amado, os romances de Érico Veríssimo, da trilogia *O tempo e o vento*, e outros mais. Hoje sei que são tidos como romances históricos, mas eu não me importava se eram ou não romances históricos, embora percebesse que estava conhecendo a história do cacau, a do nascimento de uma cultura, conhecendo a sociedade colonial... Para uma leitora ingênua, a História era algo confinado aos livros escolares, feito de datas e grandes transformações sociais e políticas, e aqueles romances faziam referências não à vida. Eu acreditava que todos os personagens, cenários e cenas eram reais. O primeiro romance que li, aos treze anos de idade, inteiramente seduzida, foi *O idiota*, de Dostoievski, que pode ser absorvido como um romance histórico. Na verdade, todos os romances são históricos, dizia a Marguerite Yourcenar, pois todos fazem uma transposição entre tempos e guardam épocas. Entre estes, retorno a Dostoievski, mas tenho curiosidade em reler *Ivanhoé*, sei que vai me fazer reviver sentimentos e impressões. Assim como o cheiro, o sabor, o ruído ou a paisagem evocam uma recordação proustiana.

MDP-Por que resolveu integrar o Romance na História ou vice-versa?

AM-Não houve uma decisão nesse sentido, tudo em minha literatura flui naturalmente e vai abrindo os caminhos como as águas de um rio. A partir da poesia, da Literatura e do sonho encontrei-me com a nova História, a História das Mentalidades, e me apaixonei, é uma História que nos fala mais sobre nossa própria existência: história da noite, história das mulheres, história do amor, da morte, das crianças, da intimidade... Não há como se evadir da História, ela está em tudo, mesmo os autores que ignoram a História estão historiando em seus romances, sejam urbanos, policiais, regionalistas, mesmo os romances psicológicos constroem a História, a Literatura poderia ser chamada de história da alma humana. Os escritores são uma espécie de historiadores com asas. Assim como há historiadores que se apropriam de aspectos do romance e voam. A literatura e a História são feitas da mesma matéria: a palavra, com toda a sua subjetividade. A conexão é profunda, indelével, infinita. Gosto de dizer: os romancistas são historiadores que fingem estar mentindo. E os historiadores, romancistas que fingem estar dizendo a verdade.

MDP-A pesquisa com documentos históricos ajuda a dar verossimilhança às personagens femininas? Há algo de autobiográfico nelas?

AM-Sim, os documentos históricos são fundamentais para a verossimilhança dos personagens, das tramas, das paisagens. Embora a documentação histórica sobre as mulheres seja frugal, historiadores têm realizado um esforço imenso e bem-sucedido para recuperar a história feminina. Muitos mundos femininos estão sendo desvelados,

reconstruídos do mesmo modo como se pode reconstruir um dinossauro a partir de um osso. O passado nunca deixa de existir, ele é indestrutível, como dizia o Borges. Quando você se debruça, encontra-o. Para as personagens femininas de meu romance *Boca do Inferno*, tive em minhas mãos um “buquê de flores” criado pela poesia do Gregório de Matos. Há poucas informações sobre aquelas mulheres, mas estão ali, como sementes para germinar. As órfãs de *Desmundo* eram apenas uma carta do padre Manoel da Nóbrega, precisei arrancar a narradora Oribela das entrelinhas de textos do século 16. Jarina, a indígena de *Yuxin* floresceu de um vocabulário kaxinawá recolhido por Capistrano de Abreu. É preciso, além do dom de imaginar, instinto, pressentimentos, leitura do que se esconde na palavra, quase tudo precisa ser adivinhado, sonhado, fabulado. Como dizia o Guimarães Rosa, não escrevo sobre mim mesma, mas por dentro dessas personagens, como seu arcabouço, não tenho nada mais que a minha percepção, a minha história, os meus sentimentos, minhas memórias, meus erros, minha curva emocional. Tento, mas não consigo livrar-me de mim mesma. Tudo o que fazemos é uma expressão do nosso modo de ser. Não escrevemos o que queremos, escrevemos o que somos.

MDP-Há a mesma preocupação quanto às descrições de paisagens. Vcs se referem a viagens, deslocamentos, cenários urbanos e rurais. O que se vcs dão a ver, é extraído de documentos de época? O uso de mapas é importante?

AM- De documentos tanto descritivos como iconográficos, a combinação comparativa desses dois tipos de documentos pode dar uma visão muito próxima do que foi alguma paisagem. Mas também extraído da imaginação, do poder mágico de nos transportarmos pelas palavras e pelos sentidos. Os documentos iconográficos de época são extraordinários para uma percepção das paisagens. E os mapas são fundamentais, eles me servem como guias, estudo os mapas, tentando percorrer as ruas, praças, apreender uma paisagem, assimilar o espaço, tomar familiaridade com lugares que não conheço, que não existem mais. Algumas vezes fico conhecendo melhor um lugar onde jamais estive fisicamente do que um lugar onde realmente vivi. Ao ir a um local preservado, como por exemplo o colégio dos jesuítas na Bahia, ou uma igreja mineira, é preciso cautela, pode haver transformações feitas ao longo do tempo. Mesmo as paisagens de vegetação mudam, com os séculos. O que não muda é a sensação do lugar, uma atmosfera criada pela luz, pelo clima, pelo céu, pela geografia - como a presença do mar ou de montanhas. Seres humanos, com seus sentimentos, e cavalos, borboletas, peixes, animais não mudam. Para todo o restante – palácios, igrejas, ruas, casas, sobrados, postes, revestimentos, transportes, traçado das ruas, móveis, roupas, objetos - melhor consultar mapas, descrições e iconografia de época.

MDP-A pesquisa tem que ser exclusivamente acadêmica ou pode integrar relatos de amigos e profissionais de diferentes áreas, fontes tanto convencionais quanto incomuns? Em caso de resposta afirmativa, pode dar exemplos?

AM-Faço uma pesquisa selvagem, sem método, sem rumo, o acaso me interessa, deixo-me perder nas leituras, nas contemplações, mais como numa viagem imaginativa do que

como uma pesquisa. Deixo-me entranhar pelas palavras, entrego-me a um processo de metempsicose, revivo seres antigos, reais ou fictícios, sobretudo poetas, que são as minhas melhores fontes. Eu me transformo na personagem que narra, e ela em mim. Às vezes tenho a sensação de que realmente vivi naqueles tempos e naquelas paisagens. Muitas vezes a leitura de uma carta, uma poesia, um diário, um livro, o encontro de algo inesperado, mudam o caminho da narrativa. As fontes de que me sirvo são sensoriais, vêm pelos cinco sentidos e mais a intuição. São fontes inesperadas. Um dia num restaurante sentei-me diante de um homem que tinha um dos olhos cego, vi como ele agia, e essa observação foi perfeita para eu compreender melhor o personagem João da Madre de Deus, bispo na Bahia do século 17, que tinha apenas uma das vistas. Componho personagens usando fragmentos de pessoas. Um amigo apaixonado por todas as mulheres me serviu para compreender Gregório de Matos. Uma amiga me contava histórias do Cariri que me inspiraram cenas do romance *Semíramis*, como a de uma moça que cheirava a batina que o padre deixava na sua casa para ser lavada. O caseiro conversava comigo sobre passarinhos e flores, aprendi com ele nomes bonitos, como sibite ou chanana, e comportamento de bichos. Tenho sonhos que me servem de inspiração. Já abandonei um personagem quando sonhei que ele me dizia não querer que eu o retratasse. Memórias, alegrias, tristezas, angústias, paixões, tanto minhas como do mundo à minha volta são também fontes.

MDP-O que vem antes: a vontade de desenvolver uma história sobre tais e quais personagens ou a empatia com determinado momento histórico?

AM-Vêm primeiro o mistério, o sonho, as imposições do tempo e do espaço, dos momentos que vivo, das minhas necessidades interiores. E vem o deslumbre por uma obra poética, que vai ser a minha fonte para a construção da linguagem do romance. Há uma junção dos momentos sociais. Quando escrevi meu primeiro romance, o *Boca do Inferno*, estávamos vivendo sob uma ditadura, e escolhi inconscientemente o período mais opressor da vida de Gregório de Matos e padre Antonio Vieira, quando eles viveram sob a tirania de um governador militar cruel e ferrenho, o Braço de Prata. Uma perfeita história de capa e espada. Mas a história é apenas um pretexto para a grande aventura da construção do romance. Pode ser qualquer trama, tudo dá um romance, porém, algumas oferecem mais recursos narrativos, outras, mais encanto, ou mais profundidade, ou despertam mais a curiosidade. Algumas são como arrancar palavras de uma rocha. Outras, um leite que jorra. Uma vez que existem a linguagem e a trama, então está determinado o momento histórico. Todos os tempos históricos que visitei foram revelações inesquecíveis, todos me arrebataram, apaixonaram, vivi-os intensamente e os tenho na memória como uma vida real e não imaginária.

MDP-A retomada do romance histórico nos incentiva a pensar o presente, a partir do que esquecemos do passado?

AM-A retomada do romance histórico é um fenômeno impressionante para mim. Eu estava vivendo trancada num pequeno apartamento, fora do mundo, completamente tomada pela escrita de meu primeiro romance, o *Boca do Inferno*, e acreditava que não haveria nenhum interesse de pessoa nenhuma por um romance passado séculos antes, com uma linguagem barroca. Durante a escrita de meu romance, que durou cerca de dez anos, surgiram os romances históricos *O nome da rosa*, de Umberto Eco, o *Memórias de Adriano*, da Yourcenar, e o *Memorial do convento de Saramago*, que arrebataram o interesse mundial. E no Brasil, *Mad Maria* de Márcio Souza e *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro. Esse retumbante irromper de romances históricos me deu uma sensação boa de que eu não estava sozinha, e me ensinou de forma nítida como a literatura se conecta com o tempo e a realidade do mundo presente, mesmo quando se escreve sobre o passado. Acredito, por minha própria experiência, que quando nos debruçamos sobre o passado vamos em busca da compreensão de questões que nos atingem no presente - quando a questão candente é o feminismo surgem livros sobre mulheres, quando é o racismo, despontam obras sobre a questão. Sempre escrevemos sobre nosso tempo, mesmo quando pensamos estar escrevendo sobre o passado. Apenas podemos imaginá-lo a partir de olhos do presente. Dessa forma, o passado é uma fonte extraordinária para a compreensão do presente.